

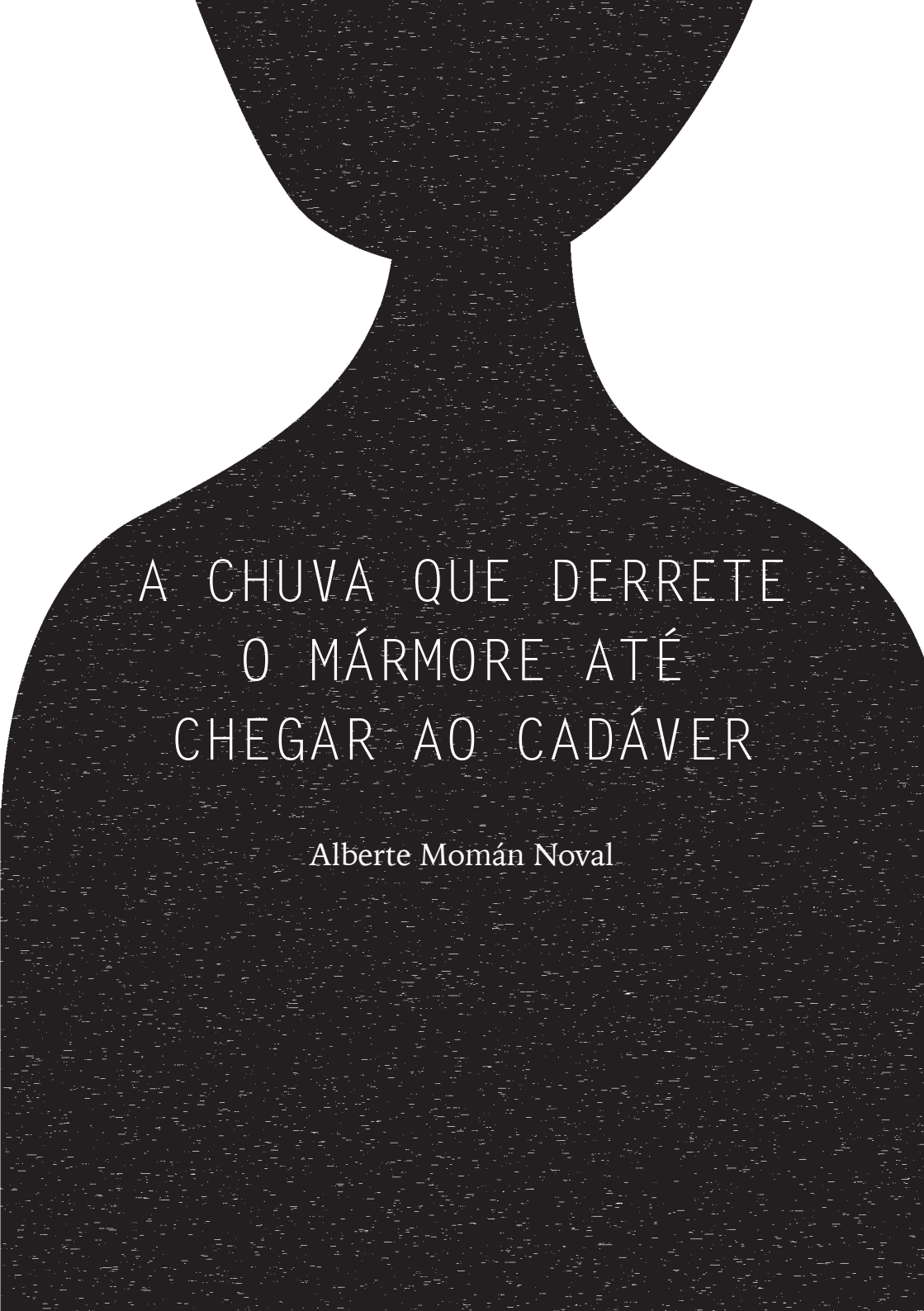


Ninguém, o meu nome é Ninguém. O grande Polifemo coçava a cabeça em sinal de espanto e incompreensão. Ninguém?! Como te podes chamar Ninguém? Tu és alguém e essa condição necessita de um nome próprio, distintivo, um nome pelo qual te possa chamar e tu possas responder. A brutalidade do grande Ciclope de nada lhe servia face ao engenhoso plano de Ulisses. Garanto-te que sou Ninguém. Por certo já terás ouvido das minhas aventuras, sou o famoso Ninguém que cruza os sete mares desafiando o destino. A história parecia legítima e a oferta daquele sublime vinho servia o propósito de garantia. Irei comer-te de qualquer das formas, mas fã-lo-ei depois de me saciar com os teus companheiros. A fábula que me contas e o néctar que me trazes dão-te o privilégio de mais alguns minutos no mundo dos vivos.

Ninguém, Ninguém quis-me matar!

AUTOR :

EXEMPLAR N^o :



A CHUVA QUE DERRETE
O MÁRMORE ATÉ
CHEGAR AO CADÁVER

Alberte Momán Noval

A CHUVA QUE DERRETE
O MÁRMORE ATÉ
CHEGAR AO CADÁVER

Alberte Momán Noval

I

APONTAMENTOS

Nunca fui quem de imaginar os olhos da rapina fixos em mim. Gostei de acreditar na possibilidade. Experimentei uma erecção e alcei a vista na procura dos seus movimentos no céu, fazendo assobiar o ar ao passo pelo seu corpo, ao tempo que este virava a um lado e a outro buscando a corrente.